

# NOTAS SÔBRE OS TIPOS DE VEGETAÇÃO DE OIAPOQUE

Por G. A. BLACK

Encetamos nossa viagem no dia 29-IX-1949. Saimos de Belém por avião da Cruzeiro do Sul, às 8,30, fazendo escala em Macapá, às 9,30 e em Amapá, às 11, chegando a Oiaoque (antes conhecida por Martinica ou Espirito Santo), às 13 horas. Regressamos a Belém pelo próximo avião, dia 13-X-1949. Nessa excursão fui acompanhado do auxiliar da Secção de Botânica do I. A. N., Antonio Silva. Para preparar o material usamos o processo de conservação em formol, que consta do seguinte: coloca-se cada amostra apanhada dentro de um papel de jornal esborrifando-se sôbre ela uma solução de duas partes de água para uma de formol a 40%, usando-se para isso uma brocha de tamanho médio. As plantas nos jornais depois de envenenadas são empilhadas e prensadas com duas grades e, então, guardadas em sacos que não permitam escapar os vapores de formol.

Fômos bem recebidos e ficamos devendo gentilezas ao prefeito local, sr. Roque. Tomamos refeições na pensão de D. Luiza, a única da cidade, e alugamos uma pequena casa onde residimos e trabalhamos durante nossa estadia em Oiaoque. Tivemos a sorte de arranjar um bom mateiro, sr. João Faria, cujo conhecimento dos campos e das matas muito nos ajudou.

Oiaoque é uma região pouco explorada botanicamente. As coleções dos antigos botânicos franceses são hoje em grande parte inacessíveis ou difíceis de se interpretar e por isso nossa viagem teve como objetivo principal a colheita de material botânico das mesmas regiões em que foram feitas coleções no século passado, procurando assim esclarecer conceitos em torno de espécies da região e da parte adjacente da Guiana Francesa. Além do estudo botânico, pretendíamos arranjar latex de *Hevea* para análise, porém, não tardou veri-

ficarmos que as seringueiras ali existem em tão pequena quantidade que sua exploração não é compensadora.

Logo que chegamos despertou nossa curiosidade o fato de anteriormente ser ali muito explorado o “pau-rosa”, porém, hoje em dia, as usinas estão todas abandonadas e não é raro encontrar-se peças delas enferrujadas à beira dos igarapés, como vimos no Igarapé Ponta Narri e Igarapé Taparabou; soubemos que na Guiana Francesa ainda há interesse nesta essência, mas não chegamos a obter mais detalhes sobre o assunto. Dizem haver também ali, atualmente, alguma mineração de ouro e manganês; vimos apenas uma pequena mina de ouro trabalhada à bateia. A prefeitura mantém um serviço de extração de madeiras tais como cedro, massaranduba, acapú, louro bordado (para canôas), jarana, acariquára (*Minquartia guianensis*) e cupiúba, trabalhando neste serviço tanto os brasileiros como os saramacás e crioulos.

#### MATA DE TERRA FIRME

Fizemos as nossas primeiras excursões à beira da estrada de rodagem entre Oiapoque e o campo de aviação. Chegamos em época boa, porque os moradores estavam derrubando mata virgem à beira da estrada para roças. A mandioca é ali a principal cultura, encontrando-se também uma variedade de macacheira branca conhecida por “Jararaca”, que introduzimos nos campos do I. A. N.

Nessas derrubadas e na mata vizinha colecionamos 9 espécies diferentes de *Sapotaceae* (4 *Micropholis*, 2 *Ecclinusa*, 1 *Pouteria* e duas outras de gêneros não determinados), além de *Hirtella*, *Mouriria dumetosa*, *Goupia glabra*, *Aspidosperma aff. cruentum*, *Saccoglottis* e uma *Tovomita* com fruto maior do que o comum das espécies.

Entre as plantas do sub-bosque é interessante a frequência da família *Quinaceae*, pleno sinal de hileia, tais como *Lacunaria crenata*, *L. Jermanii*, *Quina obovata*, *Q. sessilis*, *Q. Decaisneana* e *Touroulia guianensis* que, com a única exceção de *Quina sessilis*, eram bastante comuns. Vimos três espécies de *Palmac*, todas sesseis ou com estipite bastante reduzido. Duas destas, pertencentes ao gênero *Astrocaryum*, eram conhecidas por Cunaná, uma tendo inflorescência fina e outra, grossa; a terceira, despida de espinhos chamava-se macupi (? *Scheelea*). *Theobroma subincanum* era regularmente comum e a ubiqüita *Cordia nodosa* também se encontrava. Ahamos diversas espécies de *Gurania*, *Potalia amara*, *Maieta*

*guianensis* e, onde havia humidade, *Rapatea paludosa*. Em diversas partes da mata o chão estava atapetado de uma linda espécie por nós desconhecida de *Selaginella*, com ramos muito mais largos que na comum *S. stellata*. *Aciotis* sp. formava moitas baixas na plena sombra da mata. *Saprophytas*, como *Vovria* e *Helosis guianensis* não faltavam. *Pariana*, *Olvra* e *Ichnanthus* pareceram-me mais ou menos raros, contudo, *Ichnanthus panicoides* era bastante frequente.

### CAPOEIRA

Das poucas observações feitas sobre as capoeiras tivemos a impressão de que Oiapoque era mais rica em espécies do que Belém, devendo lembrar-se, no entanto, que as nossas observações foram feitas em capoeiras recém-formadas de mata virgem. Havia maior representação de famílias como *Compositae* e *Solanaceae* do que em Belém, famílias estas, que são mais ricas em espécies na região dos Andes. Além das espécies de *Solanum* comuns em toda a hileia, como *S. umbellatum* e *S. toxicarium*, colhemos mais cinco espécies e uma de *Cyphomandra*. A família *Compositae* era melhor representada, tanto em espécies como em indivíduos. *Rolandra argentea* tomava conta por completo de um lugar baldio, fato que nunca presenciámos em Belém. As próprias plantas de quintal vicejavam em roças de mandioca, cuja área ainda estava entulhada de páus caídos, mostrando facilidade em se estabelecer ali. Cito, entre outras, *Gomphrena globosa*, *Celosia* sp., *Impatiens balsamina*, "Croton" (família *Araliaceae*, não gênero *Croton*), *Zinnia elegans* e *Tagetes* sp.

Relacionamos na lista que segue as principais plantas de capoeira encontradas à beira da estrada. (Para outras veja-se a lista de contagens).

a) RUDERAIS: *Phytolacca rivinoides*, *Operculina* sp., *Rolandra argentea*, *Physalis* sp., *Sauvagesia erecta*, *Pteris aquilinum*, *Erigeron bonariensis*, *Monniera trifoliata*, *Cyperus pulchella*, *C. luzulae*, *Aciotis purpurea*, *Asclepias curassavica*, *Pityrogramma calomelanos*, *Emilia sonchifolia*, *Digitaria fuscens*, *Lantana camara*, *Ichthyothere conambi*, *Scoparia dulcis*, *Stachytarpheta cayennensis*, *S. elatior* (v. aff.), *Bidens cynapiifolia*, *Sporobolus indica*, *Solanum jurupeba*, *S. umbellatum*, *S. toxicarium*, *Diodia* sp., *Costus* sp., *Elephantopus scaber*, *Scleria* sp., *Homolepis aturensis*, *Paspalum conjugatum*, *Mimosa pudica* e *Hyptis atrorubens*.

b) PLANTAS ARBUSTIVAS OU ARBOREAS: *Didymopanax morototoni*, *Trema micrantha*, *Banara guianensis*, *Bellucia aff. imperialis*, *Psychotria sp.*, *Rhabdodendron amazonicum*, *Cyphomandra sp.*, *Solanum granditiorum*, *Apeiba tiburbou*, *Ap. Burchellii*, *Fagara rhoifolia*, *Cecropia peltata*, *C. jurandyanan*, *Anacardium occidentale*, *Croton matourensis*, *Cordia tetrandra*, *Maprounia guianensis*, *Aegiphila sp.*, *Vismia cayennensis*, duas outras espécies de *Vismia*, *Inga* (2 spp.), *Cassia falcistipula*, *Myriaspora egensis*, *Wulffia baccata*, *Stryphnodendron guianensis* var. *floribundum*, *Trattinnickia sp.* (?), *Tapirira guianensis*, *Casearia grandiflora*, *Cassia multijuga*, *Myrcia bracteata*, *Dichapetalum vestitum*, *Miconia* (3 spp.), *Isertia aff. hypoleuca*, *Lacunaria crenata*, *L. Jenmani*.

c) CIPÓS: *Passiflora ceratocarpa*, *Cissampelos undromorpha*, *Davila rugosa*, *Tetracera rotundifolia*, *Landolphia aff. paraensis*, *Sabicea aspera*, *Mikania micrantha*, *Odontadenia sp.*, *Gurania sp.*, *Securidaca volubilis*, *Passiflora grandulosa*.

d) ELEMENTOS PURAMENTE ARBOREOS: *Jacaranda copaia*, *Eschweilera sp.*, *Laetia procera*, *Goupia glabra*, *Bagassa guianensis*, *Ocotea guianensis*.

Numa tentativa de averiguar a frequência de plantas lenhosas de uma capoeira, escolhi arbitrariamente uma área de 10 m. em quadra e cerca de meio quilometro de Oiapoque. Amostra ao acaso não foi possível em vista de uma grande parte desta capoeira, já velha, estar invadida por sororoca pacová (*Ravenala guianensis*) que dominando tanto o quadro não daria um exemplo representativo.

Esta capoeira estava bastante modificada pelo homem; predominava em grande parte a pacova-sororoca, havendo ainda muito espaço ocupado exclusivamente por ervas. Era uma faixa estreita entre a estrada de um lado e um roçado que ficava a cerca de 30 m. para dentro. O solo examinado superficialmente era de um barro escuro, seco em cima, mas à profundidade de 10 cm. estava mais humido e um pouco pegajoso. Esta capoeira parecia provir de uma roça (de mata virgem), abandonada há uns 4 ou 5 anos.

Frequencia de plantas lenhosas da capoeira referida: --  
*Palmae*: *Astrocaryum sp.* (cunanã de espiga grande) (7); *A. sp.* (cunanã de espiga fina) (1); *Musaceae*: *Ravenala guianensis* (3); *Lacistemaceae*: *Lacistema pubescens* (4); *Moraceae*: *Cecropia sp.* (folha branca) (7); *Pereba laurifolia* (1);

*Annonaceae*: *Guatteria* sp. (a) (6), *G.* sp. (b) (1) e *Rollinia exsucca* (1); *Leguminosae*: *Inga velutina* (1); *Rutaceae*: *Fagara rhoifolia* (2), *Rhabdodendron amazonicum* (3); *Euphorbiaceae*: *Croton matourensis* (2); *Anacardiaceae*: *Anacardium occidentale* (2); *Sapindaceae*: *Cupania* aff. *serobiculata* (4), *Pseudima frutescens* (1); *Tiliaceae*: *Apeiba tibourbou* (5); *Malvaceae*: *Hibiscus* sp. (Black 49-8191) (3); *Dilleniaceae*: *Davidia rugosa* (7); *Guttiferae*: *Vismia guianensis* (1); *Flacourtiaceae*: *Banara guianensis* (1), *Casearia grandiflora* (1); *Lecythidaceae*: *Eschweilera* sp. (1); *Melastomaceae*: *Myriaspora egensis* (1), *Bellucia imperialis* (1); *Apocynaceae*: *Aspidosperma desmanthum* (1); *Borraginaceae*: *Cordia tetrandra* (3); *Solaneceae*: *Cyphomandra* sp. (2), *Solanum* sp. (parecida com *Juuna* mas sem aculeos) (4), *Solanum* sp. (Black 49-8183) (1); *Rubiaceae*: *Isertia hypoleuca* (v. aff.), (1); *Compositae*: *Wulffia baccata* (2).

A frequência de famílias, gêneros e espécies na Amazônia parece reger-se mais pelas leis de casualidade. Há, porém, às vezes, notável concentração de alguns grupos taxonomicos. A. Ducke observa que as *Leguminosae* preferem terreno arenoso e pelo fato do baixo Amazonas ter maior cobertura de areia esta família fica melhor representada. Em capoeira a concentração é mais local e mais evidente. Tenho examinado diversas capoeiras sob o ponto de vista da frequência de *Myrtaceae*, usando o método de contagem que, infelizmente, é de pouca confiança porque não se conduz a conclusões definitivas dando somente uma idéa do conjunto estudado. Esta família às vezes é a mais frequente nas capoeiras novas, derivadas de outras capoeiras. Em Belém, por exemplo, uma contagem acusou 28% dos individuos pertencentes às *Myrtaceae*, valor maior que para qualquer outra família. Na campina das Aguas Mortas, perto de Vigia, uma contagem foi feita num tipo de capoeira conhecida por "campina de ressaca", achando-se 70% dos individuos entre as *Myrtaceae*. Segundo Ducke, nas capoeiras de Manaus, as *Myrtaceae* figuram como grupo proeminente, e também as capoeiras parecem perder espécies conforme envelhecem e este empobrecimento chega a tal ponto de aparecerem capoeiras que contêm quase exclusivamente *Myrcia*, *Byrsonima*, *Vismia* e alguns representantes da família *Dilleniaceae*. Mas este não é sempre o caso, nas contagens da nossa capoeira de Oiapoque faltavam por completo as *Myrtaceae*. A razão disto não é clara. Em capoeiras velhas, onde predomina uma vegetação arbórea, esta família é rara ou ausente. Também não constaram as *Myrtaceae* numa contagem de plantas de um capoeirão (capoeira velha) do I. A. N., feita

por Rubens Lima. Isto se explica pela raridade de *Myrtaceae* arbóreas na Amazônia. Numa área de capoeira de Belém, parcialmente situada em terreno de varzea, dificilmente aparecem indivíduos desta família, embora a vegetação primária de varzea seja ricamente representada por esta família. Sugere-se aqui uma explicação de falta das *Myrtaceae* em certos casos pela presença de argila no solo. Contagens feitas em capoeiras de Tefé mostraram poucas *Myrtaceae*, fato possivelmente atribuível à natureza do solo (argiloso). Um caso contrário deu-se numas contagens feitas perto de Soure onde, em solo de pura areia, apareceram poucas *Myrtaceae*.

Muitas vezes a capoeira, i. e., área de vegetação secundária, é mais capaz de indicar a capacidade produtiva de uma região do que uma igual área de mata virgem e, por isso, damos tanta importância às capoeiras. Sabe-se pouco sobre a relação das espécies de uma capoeira e as diversas leis que governam sua presença ali, porém, achamos interessante registrar essas observações, embora incompletas, porque poderiam mais tarde tornarem-se mais úteis, tanto ao estudo da vegetação como na avaliação da capacidade agrícola do terreno.

### CAMPINAS

Talvez o que mais atraiu nossa atenção em Oiapoque seja a presença de pequenos campos embutidos no meio da mata, "cadres" de campos que se tornam em campos vastos mais para o sul do território do Amapá e aqui, então, pequenos "enclaves" de mata no meio do campo. Estes campos não correspondem propriamente à definição dada por Sampaio por faltar vegetação arbustiva ou árvores pequenas como elementos conspicuos, mas caberiam talvez melhor na categoria de campina pelos elementos componentes e pela fisionomia, pois de acordo com Sampaio, o termo campina é aceito universalmente com a significação de campo sem árvores. A vegetação de beira e de dentro das pequenas ilhas corresponde bem com as plantas citadas por Sampaio, como por exemplo, há abundância de *Humiria floribunda*, *Clusia* sp. (Black 49-8213), possivelmente *C. nemorosa*, *Symphonia globulifera* e, mais raramente, *Erythroxylon floribundum* e *Chrysobalanus icaco*.

As "savanas" de Surinam, de acordo com Lanjouw (Studies of the Suriname Savannahs and Swamps, Med. Bot. Mus. and Herb. Utr. n.º 33. 1936), correspondem às campinas de Oiapoque tanto na composição como na variabilidade.

Estas campinas são cobertas por uma camada fina de vegetação baixa e herbacea em solo de areia pura. Elas raramente excedem de 500m. em qualquer dimensão, mas frequen-

temente ligam-se uma a outra, às vezes por galerias no meio da mata. Sem contar com as *Gramineas* invasoras que entram depois do fogo, colhemos mais de 20 pequenas gramíneas tenras e forrageiras, principalmente do genero *Panicum*. *Echinochloa inflexa* e *Aristida torta* faziam lembrar os campos de Minas. *Leptocoryphium lanatum*, o capim mais comum nos campos altos e campinas, é pouco representado nestas. Além destas gramíneas determinamos as seguintes: *Axonopus affinis*, *Panicum polygonatum*, *P. nervosum*, *P. parvifolium*, *P. discrepans*, *P. caricoides*, *P. cyanencens*, *P. obovatum*, *P. stenodes*, *Paspalum pulchellum*, *P. parviflorum*, *Mesosetum loliiforme* (v. aff.) *Thrasya petrosa*, *Raddia nana* (vel aff.) e diversos *Paspalum*, *Digitaria* e *Axonopus*, sem determinação.

Fora das *Gramineae* a camada compunha-se principalmente de *Eriocaulaceae* (*Paepalanthus* e *Syngonanthus*), *Cyperaceae* (*Cyperus*, *Scleria* e *Lagenocarpus*) e um elevado número de espécies de *Polygalaceae*. Cito ainda como muito frequentes *Drosera tenella*, *Burmannia bicolor*, *Utricularia* sp., *Xyris* sp., *Sauvagesia* (Black 49-8308), *Perama hirsuta*, *Cassia* sp., *Lindsaya elegans* (aff.) eervas maiores como *Cassia cultrifolia*, e *Stylosanthes guianensis*. Entre os arbustos baixinhos destacavam-se algumas *Melastomaceae* como a linda *Rhynchanthera novemnervia* v. aff., *Tococa* sp., e *Tibouchina aspera*. Exemplos de *Humiria floribunda* e *Byrsonima* sp. apareciam dentro do campo constituindo por assim dizer uma segunda camada. *Cassytha filiformis* parasitava diversas plantas como *Cassia cultrifolia* formando um cipocal rente ao chão.

Estes campos são modificados anualmente pelo fogo posto pelos moradores com a finalidade de fazer com que os capins vicejem, no entanto, muitos capins bons forrageiros vão por isso desaparecendo e cedendo lugar a outros, ruderais e de inferior qualidade, como *Homolepis aturensis*, *Andropogo bicornis* e *Axonopus compressus*. Seria interessante, portanto, aproveitar alguns destes capins das campinas, antes deles se extinguirem por completo.

Existem afinidades entre estas campinas e outros campos amazônicos como as campinaranas do alto Rio Negro e as campinas do baixo Amazonas. Os campos gerais, os campos de pastagens (naturais) de Marajó e os campos de Carolina são muito diferentes das campinas de Oiapoque. Nos campos de Marajó e de Carolina encontram-se *Curatella americana* e Mangaba (*Hancornia speciosa*) e os campos de Marajó ao longo do Rio Paracuary possuem capins e ciperáceas em

grande número com o habito tipicamente grosseiro, em touceiras grandes, contrastando com o hábito muito mais delicado das plantas das campinas. No caso das ervas, por exemplo, o hábito é pulvinaeforme ou com o caule em escapo. As campinas inundadas de Vigia possuem muito em comum com as campinas do Oiapoque e esta semelhança, servirá para dar melhor idéia da composição de uma campina.

Todas as duas campinas citadas têm *Raddia nana*, *Drosera tenella Sauvagesia* (Black 49-8307), *Perama hirsuta*, *Burmannia bicolor*, muitas *Polygala* e *Bulbostylis paradoxa* vel aff. com touceiras em forma de almofada, cuja parte inferior compõe-se de restos de folhas queimadas. De passagem é interessante notar que algumas das espécies dos lugares expostos ou à beira da praia de Tunuí no Rio Içana, aparecem em Oiapoque e Vigia, indicando uma curiosa afinidade entre essas regiões.

### CAMPOS GERAIS

No dia 13 de outubro subimos o Igarapé Taparabou, à procura de Pau-Rosa, onde havia um aspecto triste completamente dominado por arvores pequenas como "anoira" (*Licania macrophylla*), *Mouriria grandiflora*, *Macrolobium acaciaefolium*, *Vatairea guianensis* e raramente outras espécies formando uma galeria sombria que tínhamos de penetrar vagorosamente devido aos paus atravessados que nos obrigavam a empurrar a cañôa sôbre eles para passar. Duas horas depois de entrar neste igarapé, subitamente a galeria fechada e escura abriu-se num belo campo, extendendo-se por muitos quilômetros, um verdadeiro campo, de fato um campo geral. O grosso deste parecia se compôr de *Cyperaceae* (*Eleocharis*), etc., porém, não nos foi possível estudá-lo cuidadosamente e as poucas coleções que fizemos à beira do igarapé não podem ser consideradas como típicas mas incluem espécies de boas forrageiras, tais como *Hymenachne amplexicaule*, *H. donacifolia*, *Leersia hexandra*, *Oryza perennis* e outras coisas erbáceas; seria, portanto, interessante estudar estes campos com mais cuidado para saber melhor sua capacidade de suportar gado.

### MATA DE VARZEA

A varzea do Rio Oiapoque é de aspecto igual ao das dos rios do baixo Amazonas. *Eperua rubiginosa*, exclusivamente de lá, é elemento de singular beleza e inconfundível pelas inflorescências de 1 a 2 metros de comprimento, com flores ver-

melhas pendentes dos ramos mais grossos da arvore. Das arvores da familia *Leguminosae* presentes à beira do rio, esta e *Macrolobium guianensis* são as mais frequentes. Palmeiras são relativamente raras, existindo *Mauritia flexuosa*, *Euterpe cleracea* e Marajá (*Bactris sp.*). A varzea é alternadamente composta de arvores ou arbustos com aningais. No último caso incluem grandes extensões de Jurandí (*Pithecellobium sp.*) ou aturiá (*Machaerium lunatum*). Estes não usam misturar-se mas no meio deles sempre se encontra a aninga, *Montrichardia arborea*, bem como, diversos cipós como *Cydista aequinoxialis*, *Cissus erosa* e diversas *Malpighiaceae*, *Apocynaceae*, e *Bignoniaceae*. Em alguns trechos, *Souroubea guianensis* tomou conta da beira e, em outros, havia uma espécie de *Guadua* isolada. Embora a mais de 90 quilometros da embocadura do Oiapoque aparecem ainda a Siriuba (*Avicennia nitida* e o mangue (*Rhizophora mangle*). Entremesiam-se nas arvores *Strychnos guianensis* (em plena flôr), *Combretum coccineum*, uma espécie de *Petraea* muito linda, *Dalbergia monetaria* (Veronica), *Davila rugosa* e *Rhabdadenia sp.* As arvores que pudemos notar no pequeno trecho do rio estudado entre o Igarapé Ponta Narri e Igarapé Taparabou, são: *Bombax aquatium*, *Virola surinamensis*, *Tabebuia sp.* (arv. pequena de flôr alva), *Carapa guianensis*, *Ceiba pentandra*, *Sloanea dentata*, *Tachigalea paniculata*, *Erythrina glauca*, *Pentaclethra filamentosa*, *Terminalia sp.* (Tanibouca), *Spondias mombin*, *Toulicia sp.*, *Didymopanax Morototoni*, *Jacaranda copaia*, *Miconia sp.*, *Artocarpus incisa* (subspontanea), *Oreodoxa montana* (segundo o mateiro, subspontanea), *Cecropia peltata* (escassamente representada), *Cassipourea guianensis*, *Quararibea guianensis* e ainda é interessante notar a rara presença de *Hevea guianensis*. *Goupia glabra* foi vista por nós em plena varzea, o que não é comum.

## VEGETAIS DE VALOR ECONOMICO

As essencias de valor são principalmente as madeiras já aludidas (exploradas pela Prefeitura). O "Pau-rosa" atualmente não tem mais cotação e a possibilidade de se explorar o óleo da madeira e do fruto de Uapá (*Eperua rubiginosa*) ainda parece ser longe da realidade, devido ao inconveniente de entupir os encanamentos das usinas improvisadas para tal. Em todo caso ficamos bem impressionados com a região de Oiapoque, tanto pela exuberância da vegetação como pelo grande número de tipos de formações como campina, mata de varzea, mata típica da terra firme — belo exemplar da hileia

— e os vastos campos gerais, parecendo-nos justificavel um bom prognostico para a exploração agricola e silvestre desta região.

*Observação* — Entre as plantas mais interessantes coletadas, conforme verificou meu colega J. M. Pires, estava representada *Quiina Decaisneana* Pl. et Tr. que até agora era muito mal conhecida e de localidade incerta. Esta espécie foi descrita de um exemplar esteril cultivado numa estufa de Paris, introduzida da Guiana Francesa por Melinon e até o presente, pelo que parece, não estava representada em nenhum herbario do mundo. E o que é mas curioso, a planta é munto comum nos arredores de Oiapoque (coleção: G. A. Black 49-8338 e 49-8469).

